ANÁLISE DAS FONTES DE ROCHAS UTILIZADAS NA CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE PONTA GROSSA

Mariane Louro de Lima (PIBIC/Fundação CNPq/UEPG), Antonio Liccardo (Orientador), e-mail: aliccardo@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Geociência.

Palavras-chave: Geodiversidade, Educação Patrimonial, Geoconservação.

Resumo

Cada cidade ou núcleo urbano encontra em suas redondezas diferentes características de geodiversidade, e, portanto, distintas fontes de materiais líticos. Isto torna as cidades únicas em relação a algumas de suas características patrimoniais. O município de Ponta Grossa localiza-se sobre a borda da Bacia Sedimentar do Paraná e parte de seu território sobre o Embasamento Cristalino (1º Planalto), resultando em um cenário de grande diversidade geológica, com fontes variadas de materiais para o uso construtivo. Deste modo, considerando esse contexto, definiu-se como problemática central desta pesquisa a identificação dos elementos da geodiversidade no patrimônio construído do município e correlacioná-los com sua evolução histórica. A informação levantada sobre as rochas presentes nas edificações ou sobre as possíveis áreas fonte dos materiais pode subsidiar ações de restauro ou preservação da memória no planejamento urbano, além de constituir um campo para educação patrimonial.

Introdução

Esta pesquisa busca relacionar informações obtidas na análise de rochas encontradas em construções do patrimônio histórico de Ponta Grossa – PR, com a evolução social e territorial do município. No reconhecimento do patrimônio construído da maioria das cidades é possível encontrar importantes indícios sobre o cotidiano e os costumes locais no passado recente (LICCARDO et al. 2008). Dentre estes vestígios, destaca-se o uso de matéria-prima que provém da geodiversidade da região, especificamente rochas com utilidade arquitetônica.

Na análise da cidade de Ponta Grossa, foi considerado o conjunto preservado no centro da cidade para uma caracterização do uso de rochas em sua construção, assim como as possíveis proveniências destes materiais. Em geral, o desenvolvimento das cidades ao longo da história no Brasil tem ocorrido a partir de um centro que costuma ser a igreja matriz e sua praça associada (LICCARDO et al. 2016). Em Ponta Grossa o surgimento da estrada de ferro e a implantação da estação deslocou, o núcleo de irradiação do desenvolvimento.

Ponta Grossa tem sua origem ligada ao tropeirismo do século XVIII, mas somente em 1862 foi elevada à categoria de município. O sistema ferroviário surgiu no local a partir de 1894, com a primeira estação denominada Estação Paraná, (Figura 01) a qual ligava três centros importantes: Paranaguá-Curitiba-Ponta Grossa. A segunda estação (Figura 02) surgiu em 1900, que acabou por extinguir o uso da estação anterior, e chamou a atenção por sua construção moderna. Esta

fazia a ligação São Paulo-Rio Grande do Sul, com parada obrigatória em Ponta Grossa (GIESBRECHT, 2014). Ambas as estações foram tombadas em 1990 pelo Conselho do Patrimônio Histórico do Paraná, por seu valor histórico e arquitetônico.

A partir da instalação da linha férrea em Ponta Grossa ocorreu um grande desenvolvimento na economia e surgiram oportunidades de trabalho. O transporte de cargas e passageiros tornou-se mais ágil e houve uma profunda alteração na paisagem da cidade. Com a modernização, para as construções das estações foram utilizadas rochas da geodiversidade local, o que acontece até os dias de hoje, com grande variedade em elementos da construção civil, graças a alta qualidade, durabilidade e/ou baixo custo de algumas destas rochas (ALESSI et al., 2015). A possibilidade de transporte ferroviário, no entanto, permitiu também a vinda de outros materiais rochosos de fontes ao longo do eixo da linha de ferro.

Materiais e Métodos

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se em um primeiro momento a pesquisa bibliográfica, realizando um levantamento dos conceitos e categorias necessárias para o embasamento teórico. Os procedimentos metodológicos foram estruturados em etapas. Na primeira, optou-se por reconhecer e analisar os patrimônios construídos no município de Ponta Grossa e destacaram-se as estações ferroviárias. A segunda foi o reconhecimento das pedreiras-fonte, que foram consideradas: o Parque Margherita Sannini Masini, o Lago Antonio Moro (Figura 03) e outra que se situa próximo ao Shopping Palladium (Figura 04).

Subsequentemente, outras duas que foram analisadas continuam em atividade, dentre elas a Antonio Moro & Cia LTDA e Boscardin. De ambas é extraído o diabásio que foi utilizado na pavimentação e construção civil. Além disso, foi montado um diário de campo com registros fotográficos, posteriormente formando um mapa de localização dos pontos destacados como proposta final.

Resultados e Discussão

As edificações e pavimentos analisados nesta pesquisa mostraram a predominância das seguintes rochas utilizadas em sua construção: diabásio, metacalcário dolomítico, arenito e granito. Dentre estes materiais, duas rochas (arenito e diabásio) provêm da cidade de Ponta Grossa, e outras duas vieram de fora, muito provavelmente transportadas por trem. Entre as rochas utilizadas no patrimônio estudado, a principal é o diabásio, que, originada em ambiente magmático, apresenta estrutura maciça, textura granular fina a média e cor que varia do cinza escuro ao preto. Conhecida como “pedra-ferro” e encontrada na região em pontos que foram destacados na pesquisa como “área-fonte”. Estas rochas se formaram preenchendo fraturas que foram causadas em outras rochas por movimentos geológicos. No estado do Paraná, este processo ocorreu no período Jurássico (Era Mesozoica), há cerca de 135 milhões de anos e este tipo de preenchimento formou estruturas chamadas de dique ou soleira (LICCARDO et al., 2016).

Este material foi utilizado em escadas e boa parte do conjunto de plataformas do conjunto ferroviário. No período de instalação das estações, a extração de 4 diabásio era feita somente em três pedreiras: Chácara Dantas, Vila Cipa e Vila Odete (ALESSI et al. 2015). Graças à proximidade das fontes houve o barateamento do material, minimizando-se o gasto com transporte. Esta mesma proximidade

posteriormente provocou o fechamento destas lavras, já que o avanço do núcleo urbano inviabilizou os trabalhos de extração.

No conjunto ferroviário foram catalogadas as rochas existentes nas duas estações e no armazém de cargas, sendo elas: 1) Diabásio proveniente da região, rocha principalmente utilizada em pavimentação, meios-fios, alicerces das plataformas e muros de contenção no conjunto; 2) Metacalcário dolomítico, proveniente do Embasamento Cristalino, utilizado em calçamentos tipo mosaico português; 3) Granito Rosa, proveniente da Serra do Mar (Escudo), encontrado nas plataformas em grandes blocos que foram entalhados em cantaria, técnica hoje quase extinta; 4) Arenito proveniente do Grupo Itararé, utilizado nos cunhais da estação, rocha esta muito conhecida em Ponta Grossa, graças ao Parque Estadual de Vila Velha em que forma relevos diferenciados. Porém, neste caso foi extraída provavelmente na Lapa (distante cerca de 120km), chegando até o local por um braço ferroviário inexistente hoje. De origem sedimentar, este arenito é formado principalmente por grãos de quartzo com pequena quantidade de silte e argila (MELO, 2006), outra rocha aplicada na estação ferroviária foi o granito. Esta rocha foi e é amplamente utilizada graças a sua resistência, gerada principalmente pela presença do quartzo, de alta dureza, e por ser menos suscetível aos ataques do intemperismo. Na plataforma da estação, compunha principalmente o lado em que o trem parava e havia trânsito de cargas, exigindo um material mais resistente como é o granito. Entre os resultados também foi realizado um mapeamento das “áreasfontes” e os patrimônios construídos.

Nas estações estudadas ficam nítidos os detalhes em rocha que embelezam a construção, assim como nas calçadas de estilo petit pavé (conhecidas no resto do Brasil como “calçada portuguesa”), em que blocos poliédricos de diabásio e/ou metacalcário são devidamente encaixados, podendo formar, inclusive, desenhos (como araucárias e pinhões entre outros) associados ao movimento paranista (LICCARDO, 2010).

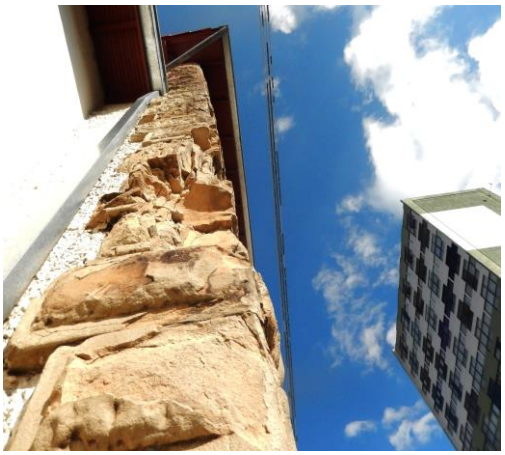


Figura – 01 Estação Paraná. Fonte:LIMA,M



Figura – 02 Atual Estação Saudade. Fonte: LIMA,M.



Figura – 03 Lago Antonio Moro. Fonte: LIMA,M.

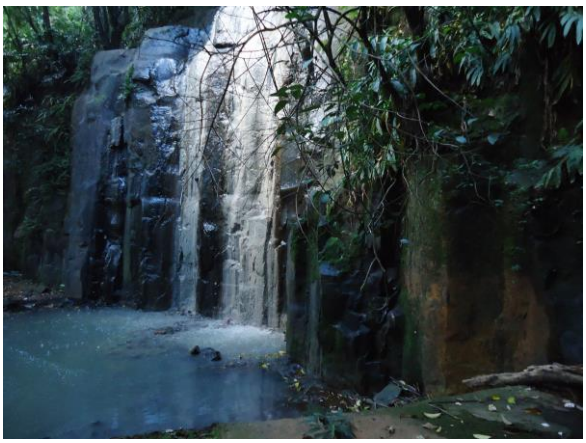


Figura – 04 Pedreira próx. Shopping Palladium.

Conclusões

Conclui-se que este conjunto de informações sobre o uso histórico das rochas na construção da cidade de Ponta Grossa mostrou-se um interessante campo para a educação patrimonial, desenvolvendo um senso de identidade territorial a partir dos elementos da geodiversidade que constituem o substrato do território e suas aplicações pela sociedade em diferentes tempos.

Com o advento da ferrovia, rochas provenientes de áreas longínquas passaram a integrar as edificações e hoje compõem o patrimônio histórico municipal. Tais elementos ainda são utilizados na construção civil devido à sua alta qualidade, durabilidade e/ou baixo custo (LICCARDO, 2010).

Agradecimentos

Referências

ALESSI, S.M.; OLIVEIRA, M. LICCARDO, A. Levantamento da geodiversidade no patrimônio histórico de Ponta Grossa, PR. Anais do III Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico, 2015. Lençois, Bahia, 2015. pdf. 5

GIESBRECHT, R. M. Estações ferroviárias do Brasil. Ponta Grossa (nova). 2014. Disponível em:Acesso em: 21 agosto 2014.

LICCARDO, A. La pietra e l'uomo – cantaria e entalhe em Curitiba. Ed. Beca-Ball, São Paulo, 156p. 2010.

LICCARDO A.; ALESSI, S.M.; LIMA, M.L. Rochas do Patrimônio Histórico Construído de Ponta Grossa, PR. Geonomos, 24(2), 270-275, 2016

LICCARDO, A., PIEKARZ, G. F., SALAMUNI, E. Geoturismo em Curitiba. Ed. Mineropar, 120p. 2008. MELO, M. S. Formas rochosas do Parque Estadual de Vila Velha. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2006. 145 p.